

O RECURSO METODOLÓGICO DA OFICINA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO MENTAL DE CONCEITOS CIENTÍFICOS POR ETAPAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Jefferson Melo da Silva ¹
Soraneide Soares Dantas ²

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade relatar a experiência exitosa, no estágio curricular obrigatório do curso de pedagogia, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a qual consistiu na aplicação da metodologia da oficina pedagógica na formação mental por etapas, em turma de educação infantil, com crianças de 3 anos de idade, do Centro Municipal de Educação Infantil Stella Lopes da Silva, localizado na cidade de Natal/RN, tomando como aporte teórico a teorias psicológicas da aprendizagem de P. Galperin, L., Vygotsky e Leontiev e da oficina pedagógica de Freinet, as quais orientam para a sistematização de uma série de etapas e mecanismos metodológicos, os quais, quando utilizados em sala de aula contribuem imensamente para que os sujeitos alcancem resultados de aprendizagem satisfatórios. Desse modo, aqui estará exposto os métodos e resultados obtidos em dez aulas, ministradas no decorrer de um semestre letivo, sempre atentando para o fato de que, a rotina escolar, o tempo de exposição dos conteúdos e os materiais confeccionados, seguem as orientações da educação infantil, dispostas nos documentos oficiais como, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2010) e Base Nacional Comum Curricular (2018), a fim de que os sujeitos tivessem um aprendizado integral, o qual contemplasse os aspectos cognitivos, sensórios, afetivos e motores.

Palavras-chave: Formação mental, Educação infantil, Aprendizagem integral, Oficina pedagógica.

INTRODUÇÃO

Entendendo a educação infantil como parte estrutural e de extrema importância no desenvolvimento do ser humano, Vygotsky (1989), nos relata que a criança sem interação realizar interação social, não seria capaz de adquirir aquilo que obtém por intermédio de sua mediação dos adultos e a vivência com as outras crianças, num processo no qual a linguagem é fundamental, portanto o meio escolar é o mais apropriado para o desenvolvimento pleno e eficaz das habilidades cognitivas, afetivas e motoras de todo e qualquer indivíduo.

Devemos atentar para o fato de que, as crianças em idade de 3 anos, em sua maioria, estão adentrando em etapa de escolarização e necessitam de intensa mediação, tanto dos pais que primeiro os acompanha no ambiente familiar, quanto da escola, a qual posteriormente passa

¹ Graduando do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN, jefetson70@gmail.com;

² Orientadora. Doutora em Educação. Professora Adjunta da UFRN - Formação e Profissionalização Docente. Educação Infantil. Língua Portuguesa: aspectos teóricos e práticos. Didática da Língua Portuguesa. Supervisão Educacional, neidesd@uol.com.br.

a dividir essa tarefa, desse modo é que, enquanto educadores devemos compreender e sistematizar caminhos metodológicos que atendam ao aprendizado satisfatório dos sujeitos da educação infantil, a fim de que os objetivos de aprendizagem sejam alcançados na culminância deste ciclo.

Sendo assim, o trabalho aqui relatado surge a partir da necessidade de apresentar aos sujeitos o município de Ceará-Mirim, o qual faz parte da região metropolitana do estado do Rio Grande do Norte, temática escolhida mediante orientação da coordenação pedagógica do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), tendo em vista a organização da festa cultural, a qual acontece a cada dois anos e sempre direciona seus temas a partir de elementos regionais, com o intuito de difundir e reforçar o caráter cultural da região para as novas gerações.

Conforme a BNCC (2018, p.9), os alunos matriculados na educação básica, precisam “valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural”. Para além disso, evidenciamos a necessidade de uma apresentação das linguagens corporal, matemática, histórica e cartográfica por meio das metodologias ativas, tendo em vista que, o aluno quando direcionado ao aprendizado integrador, colaborativo e lúdico consegue perceber de maneira ampla os conteúdos a ele apresentados.

Nesse sentido é que optei por desenvolver a temática a partir da metodologia da Oficina Pedagógica de formação mental por etapas, a qual traz a criança uma maior percepção do que está sendo exposto, atentando sempre para as múltiplas linguagens pedagógicas, a fim de que as faça perceber que também são formadores do próprio conhecimento e da propagação do mesmo através das práticas do dia a dia.

METODOLOGIA

A construção desse artigo se deu mediante a intervenção pedagógica no estágio supervisionado, do curso de pedagogia, no CMEI Profª Stella Lopes da Silva, situado na cidade de Natal/RN.

O espaço educacional no qual a intervenção foi realizada, se pauta na metodologia de projetos didáticos, os quais, de acordo com Oliveira (2002),

[...] organizam-se segundo temas sobre os quais as crianças vão tecer redes de significações. São propostos como estratégias de ensino que buscam superar uma visão de estabilidade e transparência do ambiente em que estão inseridas, o qual apenas precisa ser conhecido. Abrem possibilidades para cada criança indagar, criar relações e entender a

natureza cognitiva, estética, política e ética de seu ambiente, atribuindo-lhe significados (OLIVEIRA, 2002, p. 234),

Levando em consideração as características da turma, o caráter participativo, a idade e o contexto social, decidi por tratar da temática através de uma abordagem metodológica ativa, a qual proporcionasse a aprendizagem da diversidade cultural mediante a realidade dos sujeitos, trazendo à tona uma capacidade de se reconhecer e reconhecer o outro como também produtor de cultura e participante do espaço escolar e social, seja de maneira individual ou coletiva.

Nesse sentido, a oficina pedagógica para formação mental por etapas surgiu como caminho metodológico eficaz para o alcance dos objetivos traçados, tendo em vista que, para crianças de 3 anos de idade, estudar um município distante do seu, entender as características culturais desse ambiente, sua história, sua culinária, sua localização cartográfica e suas lendas, seria inviável para o processo de ensino que se lançasse isso a elas de outra maneira.

Para melhor compreender a formação mental por etapas descrita por Galperin, conforme aponta Núñez (2009), o qual não descreve métodos de ensino, mas, devido ao caráter psicológico de sua teoria acaba por nortear meios didáticos para educadores, como, a oficina pedagógica descrita por Celestin Freinet, conforme aponta Ferreira (2001), a qual se fez como método utilizado no semestre letivo é preciso compreender as origens da teoria e como se desenvolve suas etapas.

A primeira etapa foi a motivacional, na qual ocorreu a apresentação da temática a ser trabalhada com as crianças, iniciando-se a partir da roda de conversa, tendo em vista que, com esse método se é capaz de coletar informações sobre o que eles sabem, o que eles já ouviram falar sobre o objeto de estudo e nos auxilia em ver caminhos possíveis a serem seguidos para que eles possam acomodar o que já conhecem e ampliar os saberes para além do que já tenha sido adquirido.

A segunda etapa foi a de orientação das ações, na teoria Galperiana, neste momento o mediador deve expor as ações a serem realizadas pelos alunos, no entanto, por se tratarem de crianças muito pequenas, essa etapa já foi introduzida na roda de conversa, quando foi apresentado o tema e levantadas as hipóteses de conhecimento e reforçada a cada início de aula.

A terceira etapa consiste em apresentar o material de estudo e foi aqui que me utilizei das mais diversas abordagens práticas e ativas, a fim de que os sujeitos pudessem imergir, de fato, na cultura do município estudado.

Dentre os objetos apresentados, destaco a utilização dos mapas, os quais foram organizados para serem apresentados do macro para o micro, desse modo, mostrei o mapa do estado do Rio Grande do Norte, trabalhei com eles a questão das dimensões, das linhas que

estavam ao entorno, para que pudessem entender o conceito básico de limites, em outras aulas, pude trazer o mapa da cidade de Ceará-Mirim, fazendo link com a bandeira e com o hino da cidade, produzi com eles atividades de localização em pequenos mapas, a fim de que entendessem que aquele objeto pode ser grande ou pequeno e representar a mesma coisa. Vale ressaltar que, todos os mapas utilizados possuíam dimensão grande, desenhados em tecido ou papéis madeira, em tamanhos de 1,5m x 2,0m, para melhor observação e realização do trabalho.

Além dos mapas cartográficos, também foi trabalhado o mapa do tesouro, com coordenadas que os levassem a explorar o ambiente escolar e sempre mantendo a ligação com o conteúdo central do projeto, desse modo, ao final da trilha guiada existia um baú com comidas típicas da cidade do Ceará-Mirim, como, o mel e a rapadura.

A etapa seguinte é descrita por Galperin, como a etapa mental, nesse momento seriam verbalizados tudo que está sendo aprendido, tudo que a mente sistematiza vai sendo organizado e em seguida verbalizado, nesse sentido, esta etapa perpassa por todas as demais etapas, tendo em vista que, sempre ao iniciar e encerrar as aulas era feito a roda de conversa, na qual relembávamos os conteúdos daquele dia, fazia o link com conteúdo passados, sempre reforçando tudo que havia sido dito em exercício.

Desse modo, o projeto teve duração total de um semestre letivo e culminou com a festa cultural, na qual foram expostos os trabalhos produzidos pelos alunos, a composição coreográfica a qual foi toda direcionada a partir do Hino de Ceará-Mirim e os pais puderam contemplar todo o trabalho sistematizado, além do portfólio de atividades.

DESENVOLVIMENTO

O processo de aprendizagem dos sujeitos na educação infantil não deve ser visto como mera disposição de pinturas, desenhos ou brincadeiras sem mediação, os educadores dessa faixa etária devem perceber nos sujeitos a necessidade de aprender mais sobre o mundo e assim, organizar suas possibilidades de ação sobre eles.

Como bem aponta Vigotsky (1989),

A aprendizagem acontece em todo lugar. O processo de formação de pensamento é despertado e acentuado pela vida social e pela constante comunicação que se estabelece entre crianças e adultos, a qual permite a assimilação da experiência de muitas gerações (VIGOTSKY, 1989, p. 89).

É nesse sentido que a escola, enquanto ambiente de aprendizagem, deve atentar para métodos eficazes de mediação dos saberes.

Quando apresentadas a novos conhecimentos, a teoria vigotskiana aponta para uma série de processos psicológicos interacionais que levam os indivíduos a aprenderem o que está sendo apresentado e, desse modo, quando aprendido eles podem expressar de forma verbal ou não verbal aquilo que lhes foi posto, por este motivo o educador deve estar sempre atento durante todo o percurso formativo a fim de sanar lacunas ou alterar trajetões, para melhor atender aos objetivos a serem alcançados.

Em sintonia com essa perspectiva interacionista abordada nos estudos de Vygotsky, eis que surge a teoria Galperiana, a qual aponta para uma sistematização mental organizada em etapas que, quando inseridas na rotina escolar, contribuem para que os sujeitos possam interagir com os objetos de aprendizagem, dialogarem, compreenderem e acima de tudo, externarem posteriormente o que foi aprendido.

NÚÑEZ, (2009, p. 92) aponta que a teoria de Galperin,

[...] é uma base psicológica adequada para a direção científica dos processos de ensino. A teoria de Galperin considera o estudo como um sistema de determinados tipos de atividade que levam ao aluno a novos conhecimentos, habilidades, hábitos, atitudes, valores, sob um processo de direção. (TALÍZINA, 1988 apud NÚÑEZ, 2009, p. 92)

Diante desta afirmação, facilmente podemos entender que, o que foi pesquisado e sistematizado por Galperin configura um instrumento promissor para nortear uma metodologia de ensino, tendo em vista que através das etapas por ele organizadas os sujeitos conseguem compreender os conhecimentos, partindo do meio externo para o interno, da experiência social para a experiência individual.

Por sua vez, Leontiev traz à tona a teoria da atividade, a qual também surge alicerçada nos estudos a partir da base vigotskiana e aponta, segundo NÚÑEZ (2009) que, “a atividade é o modo, especificamente humano, pelo qual o homem se relaciona com o mundo”. Nesse processo o aluno torna-se sujeito da aprendizagem transformando o objeto e desse modo transformando a si mesmo.

Quando articuladas, as três teorias alicerçam e conduzem a perceber a necessidade que a criança possui de uma vivência ativa dentro dos percursos de aprendizagem, nos fazendo, enquanto educadores, compreender que os sujeitos precisam entender e atuar diante dos objetos apresentados, tendo em vista que, quando instigados a atuarem sobre o que está sendo posto, conseguem ampliar a ótica de aprendizado e modificarem o seu entorno para melhor compreenderem.

Nesse sentido é que tomo mão da metodologia descrita por Celestin Freinet, quando, de acordo com FERREIRA (2001), “preocupado com a escolaridade das crianças oriundas das camadas populares as quais, de um modo geral, não têm acesso à escola e/ou não seguem uma escolaridade regular, procurou aproximar a escola à realidade das mesmas”. Desse modo, para o autor, a sala de aula precisa se reconfigurar e tomar moldes de Oficina Pedagógica.

Neste processo metodológico, os aprendizes são inseridos em “um contexto em que as situações de aprendizagem são claras, precisas e diversificadas, de forma que os alunos aprendam a partir de seus itinerários de apropriação dos saberes”, desse modo, a sala de aula torna-se um ambiente dinâmico e de possibilidades, tanto para o professor mediador quanto para as crianças (FERREIRA, 2001).

O alinhamento das teorias psicológicas de Vygotsky, Galperin e Leontiev, aliadas a organização metodológica da Oficina Pedagógica de Freinet, traz consigo um mecanismo impulsionador para a aprendizagem, pois, o aluno torna-se atuante, conhecedor do objeto/objetivo de suas ações, recebe a mediação motivadora durante todo o processo, além de executar as ações que os direcionam a alcançarem as metas traçadas. O aluno, desse modo, deixa de ser mero produto da escolarização e passa a ser produtor do seu conhecimento, com finalidades bem dirigidas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já descrito anteriormente, o referido artigo surge de uma experiência de Estágio Curricular Obrigatório, no curso de Pedagogia, desse modo, vale ressaltar que o quantitativo de aulas configura a carga horária regular estabelecida para o estagiário, no entanto, optei por aprofundar-me no projeto e contemplar toda a evolução das crianças durante todo o processo, porém, aqui estarão sistematizadas apenas 10 momentos principais de atividades.

O projeto pedagógico em vigência no semestre letivo, visava tratar sobre as cidades da região metropolitana, do estado do Rio Grande do Norte, infantizando a cultura, as comidas típicas, o Hino das cidades, as lendas, a história, enfim, tudo que contemplasse a dimensão sócio cultural do município a ser trabalhado pela turma.

Para a turma em questão, a cidade direcionada foi a de Ceará-Mirim, a qual fica localizada a cerca de 40 km da capital, onde está localizado o centro educacional. Quando me deparei com

a proposta temática logo surge uma inquietação e me questiono: Como crianças de 3 anos irão aprender sobre uma cidade que a maioria sequer imagina que existe?

O instrumento inicial, foi então, o levantamento de fontes sobre a historiografia do município, as lendas, as comidas, a imersão na cultura local, a fim de entender, filtrar e organizar o que e como poderia ser posto para as crianças.

O ponto de partida foi a roda inicial, na qual foi realizado o levantamento prévio dos saberes que os indivíduos já possuíam e, para que fossem postos a refletir sobre o assunto, decidi interligar a temática com algo do cotidiano dos sujeitos e o objeto escolhido para isso foi o trem. O trem faz a ligação da capital para algumas cidades do interior e Ceará-Mirim é uma delas. No trajeto que o transporte ferroviário realiza, umas das paradas é no bairro onde o CMEI está localizado, então o barulho do trem já é algo rotineiro no cotidiano das crianças.

No entanto, ainda não era o suficiente para que crianças de apenas 3 anos conseguissem entender o que era a cidade de Ceará-Mirim, onde ficava, o que havia lá, enfim, sequer possuíam a noção do conceito de cidade. Daí, decidi inserir inicialmente uma contação de história, trazendo para eles umas das principais lendas do folclore cearamirinense, a “lenda da mulher que virou serpente”. Nesse processo de contação fui promovendo antes de realizar a leitura propriamente dita, uma série de questionamentos para os alunos, a fim de introduzi-los de maneira suave na história e ressaltar elementos e situações prévias, para saber se os mesmos estavam compreendendo os termos ali contidos.

Algumas modificações de palavras necessitaram ser feitas, alguns personagens realocados, mas tudo a fim de proporcionar aos sujeitos um entendimento daquilo que estava sendo apresentado. Ao final, pedi que os mesmos recontassem a lenda, externasse oralmente sobre o conteúdo lido e desse modo, pude perceber se havia ficado alguma lacuna. No entanto, o resultado foi promissor, as crianças compreenderam a ideia central da história, infantizaram os personagens principais e o desfecho.

Após externarem oralmente, foi o momento de externarem de maneira gráfica, no caso, utilizando-se de desenhos para recontarem a lenda. Para Almeida (2003, p. 27), [...] as crianças percebem que o desenho e a escrita são formas de dizer coisas. Por esse meio elas podem “dizer” algo, podem representar elementos da realidade que observam, e com isso, ampliar seu domínio e influenciar sobre o ambiente.



Figura 1 - Momento de elaboração da atividade coletiva: Cartaz com personagens da lenda contada

Na intervenção seguinte, foi o momento de apresentar o mapa do Rio Grande do Norte, atrelando a ele alguns elementos básicos da cartografia, como, limites e representação, dimensões. Para esta atividade, fui mostrando às crianças o traçado do mapa e explicando de maneira simplificada o que são as linhas que configuram o contorno daquela imagem e em seguida pedi que os mesmos fossem ocupando aquele espaço interno, alertando para o fato de que não podiam pisar nas linhas e, desse modo, explicando de maneira prática como funciona os limites de um território.



Figura 2 - Apresentação do mapa do Rio Grande do Norte e apreciação

Apresentar um mapa para uma criança não é simplesmente apresentar um pedaço de papel pintado em várias cores, mas é apresentar toda a historicidade humana que ali se encerra. É um compromisso entre humanos. É apropriando-se do social que a criança se constitui como um ser cultural, é apropriando-se da linguagem cartográfica presente no social (quer em sua dimensão narrativa, escolar, tecnológica) que as crianças produzem o novo, o irrepetível, num constante inacabamento. Entendemos esse processo como a reelaboração criadora, que permite a atividade criadora das crianças e torna a história possível de ser renovada. (LOPES E MELO, 2017, p. 76)

Quando apresentados á silhueta do mapa do estado do Rio Grande do Norte, a turma ficou abismada e ao serem confrontados sobre o que seria aquilo, a maioria ficou em silêncio, enquanto um ou outro respondia que se tratava um desenho, um pano, enfim, respostas já esperadas, tendo em vista o repertório de conhecimento que eles possuíam.

Vale ressaltar que, o mapa apresentado era apenas um contorno do que representa a dimensão territorial do estado do Rio Grande do Norte, para que assim não fosse causado uma confusão de ideias e uma distorção nas leituras.

A aula seguinte foi o momento de apresentar às crianças o mapa da cidade de Ceará-Mirim, temática central do projeto, desse modo, me utilizei do grande mapa do Rio Grande do Norte e dentro dele anexei um mapinha menor, o qual representava a cidade estudada, junto a isso integrei também elementos como, a bandeira do município, a qual traz em sua simbologia alguns elementos de representação da cultura daquela cidade.

A utilização dos mapas como instrumentos materiais para abordagem do objeto de estudo foi algo que superou minhas expectativas. Ao organizar a proposta temi o estranhamento e não aceitação das crianças a conteúdos tão conceituais, os quais, por muitas vezes, os educadores

da dessa faixa etária acabam receiando fazer uso, seja por não acharem que é o tempo certo ou por subestimarem o nível de resolução de desafios que esses sujeitos possuem ou podem vir a desenvolver.

Nesse percurso formativo, diversos outros objetos materiais foram sendo inseridos a fim de que os alunos conseguissem se aproximar ao máximo da cultura da cidade estudada, no entanto, ainda se tornava inviável trabalhar com eles apenas no plano da abstração, os fazer conhecer lendas, história, elementos culinários, musicais, sem de fato os levarem a conhecer a materialização do objeto. Nesse sentido, optei por propôr uma atividade de campo, levar os sujeitos até a cidade de Ceará-Mirim, os permitir conhecer o ambiente, vislumbrar o espaço além sala de aula e se permitir concretizar tudo que já havia sido estudado até então.



Figura 3 - Apresentação do mapa de Ceará-Mirim e dos elementos que constituem a bandeira do município

Entre os melhores meios de realizar a prática, é recomendável colocar os alunos em situação de trabalho, seja individualmente ou em grupo. A proposta é levar o aluno diretamente ao campo, tomando como ponto de partida o conhecimento prévio, alimentado pela teoria e reforçado com a observação direta da realidade. (TOMITA. 1999, p.14)

Desse modo, devemos entender que a atividade de campo é mais que um momento para fotos ou um momento divertido de turismo, ela vai além, ela proporciona o encontro dos sujeitos com os objetos de estudo, Tomita (1999), aponta que, tal metodologia “[...]muitas vezes, são interpretadas como perda de tempo e mesmo, confundem o trabalho de campo como um mero passeio”, mecanismos esses que acabam burocratizando essa prática nas escolas.

Vale ressaltar que, na educação infantil isso é mais que primordial, pois possibilita a inserção ativa do concreto atrelado ao abstrato, promovendo a organização dos sistemas neurais que estão em plena formação de conhecimentos, sem contar que é um rico momento de interação entre os sujeitos, Sampaio (1996) aponta que, essa metodologia de atividade, permite às crianças:

- Uma maior autonomia vivendo situações reais e assumindo novas responsabilidades, descobrindo suas próprias capacidades em situações desconhecidas;
- Ampliar o campo das investigações, chegando a descobertas múltiplas, inesperadas e interessantes;
- Privilegiar sobretudo o encontro com o outro de maneira diferente daquela do dia-a-dia na escola. Encontro com o coleguinha que não brinca com ninguém, com a professora sempre apressada, com os acompanhantes carinhosos e os monitores atenciosos, promovendo uma

troca afetiva e tomada de consciência de valores sociais importantes para a vida de todos (SAMPAIO, 1996, p. 179).

A viagem foi tranquila, sem nenhum incidente ou problemática, as crianças apresentaram satisfação em conhecer seu objeto de estudo semestral e isso ficou perceptível nos momentos de conversa e reflexão, os quais ocorreram após a viagem. Além disso, vale ressaltar o grande avanço na aquisição de aprendizado, ficou notório no modo com que eles se colocavam nos momentos de roda de conversa, quando era feita a memorização das aulas anteriores, pois, o que antes era apenas algo abstrato, a essa altura das atividades já se configurava como algo próprio da rotina deles.

Nos encontros seguintes, foram desenvolvidas atividades de pinturas, releituras de obras de pintores Cearamirinsenses, confecção de atividades para o portfólio da turma, enfim, tudo organizado e sistematizado de modo que os sujeitos pudessem compreender e vivenciar de forma integral, valendo ressaltar que, em todo o processo o caráter sócioafetivo e interacional foi mantido e reforçado, entendendo que o sujeito não estará pleno, se não conseguir interagir com outros sujeitos e os mecanismos que surjam a sua volta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As possibilidades configurar e reconfigurar uma sala de aula permite ao educador lançar mãos de metodologias diversas, as quais impulsionem a aquisição dos saberes e colaborem para a integração dos sujeitos com o meio, através das diversas linguagens que permeiam o ambiente escolar.

Para isso, cabe a cada professor mediador aflorar a sensibilidade e percepção do meio no qual está atuando, conhecer seus sujeitos, dialogar, interagir, investigar e acima de tudo, pesquisar, pois, é através da pesquisa que podemos conhecer e inserir métodos que contribuam para a plena aprendizagem dos sujeitos, respeitando suas etapas, seus desafios e os motivando a superá-los.

A Oficina Pedagógica utilizada, foi uma imensa contribuição pedagógica para o desenrolar do projeto, com ela podemos conceber atividades prazerosas, ativas, os sujeitos vivenciaram de fato o aprendizado e puderam entender que são também produtores desses conhecimentos, podendo ir além da sala de aula e entendendo que o mundo não se limita ao que está posto, mas que existem inúmeras possibilidades de movimentação e aprendizado nele.

E é com satisfação que este trabalho foi construído, a satisfação em perceber que os objetivos iniciais foram alcançados e as crianças puderam ter acesso a uma aprendizagem integral, a qual imbricou os conceitos sociais, afetivos, motores, cognitivos e sensoriais, concebendo um sujeito completo e entendedor de suas funções na sociedade.

Ainda ressalto a importância e necessidade que tem, na educação infantil, de que o mediador acredite nas capacidades dos sujeitos, apesar da pouca idade muitos conseguem interpretar e expressar vivências de maneira organizada, compreendem o papel do ensino e estão prontos a conhecerem o seu entorno e atuarem diante dele, o modificando e desse modo, modificando a si próprios.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. 2ª. Ed. São Paulo: contexto, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. — Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> - Acesso em: 1º de agosto de 2019.

FERREIRA, Maria Salonilde. **Oficina Pedagógica: uma estratégia de ensino-aprendizagem**. Org.: Márcia Maria Gurgel Ribeiro, Maria Salonilde Ferreira. Natal. EDUFRN, 2001.

LIMA, V. B; ASSIS, L. F. DE. **Mapeando alguns roteiros de trabalho de campo em Sobral (CE): uma contribuição ao ensino de Geografia**. Revista da Casa de Geografia de Sobral. Sobral, v. 6/7, n. 1, 2004/2005.

LOPES, Jader Janer Moreira. MELLO, Marisol Barenco de. **Cartografia com crianças: lógicas e autorias infantis**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 7, n. 13, p. 67-78, jan./jun., 2017.

NÚÑEZ, Isauro Beltrán. **Vygotsky, Leontiev e Galperin: formação de conceitos e princípios didáticos**. Brasília, Liber Livros, 2009. 216 p. Cap. 3. p. 91-127. ISBN: 978-85-98843-96-4

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker F. **A aula passeio transformando-se em aula de descobertas**. In: ELIAS, Marisa D. C.(org). Pedagogia Freinet: teoria e prática: Campinas, SP: Papirus, 1996.

TOMITA, Luiza M. Saito. **Trabalho de campo como instrumento de ensino em Geografia.** Geografia, Londrina, v. 8, n. 1, p. 13-15, jan./ jun. 1999 13

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987. - A Formação Social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1989.